

O SÁBIO DO CEARÁ(*)

Raimundo Girão

Mestre Pompeu Sobrinho:

As inspirações desta homenagem têm límpidas origens nos ditames do afeto e da admiração. Esses belos sentimentos, em nós puros, é que espontaneamente conduziram o Instituto do Ceará, de que sois Presidente Perpétuo, e a Academia Cearense de Letras, de que sois Presidente de Honra, à realização desta festa, tanto de singela quanto de sincera e justa.

A vossa longa atuação na vida de um e da outra outra pôde mostrar, plenamente a nu, as formosuras morais da vossa personalidade, nos contatos de uma continuidade amorável, que nos fornece, a nós os componentes das duas instituições, os liames duma amizade, duma simpatia eu direi verdadeiramente paternal.

Prendem-nos fortemente a cada instante, desde afastados anos, os eflúvios amenos de vossa lhaneza de modos, da vossa suavidade comunicativa, da brandura da vossa alma, da modéstia das vossas manifestações e dos encantos de vossos ensinamentos.

Tudo isso, assim imponderável, sutil, delicado, conquistou o nosso afeto, ligou com a solda da mais acrisolada estima o vosso coração de ternuras aos nossos jubilosos das alegrias da vossa presença constante.

Sois um bom, e a bondade é a virtude que mais humaniza o homem e o faz semelhante ao Deus que o criou. Um Deus mau é um contrasenso e imaginá-lo com a eiva da menor mancha de ira é desvirtuar a Supremacia Divina.

Em cada gesto vosso descobrimos, numa transparência confortadora, as belezas da vossa alma acumulada de generosidade e das mais nobre dádivas espirituais.

Nunca vos sentimos um movimento de enfado ou de fadiga, de esquivança ou de recusa, senão a receptividade da conversa leal, a reciprocidade confiante e a vossa disposição sempre pronta de servir. As vossas atitudes compreensivas e a vossa sabedoria de Platão sempre foram para nós um livro

(*) Saudação a Thomaz Pompeu Sobrinho, na sessão conjunta da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará, realizada a 16 de novembro de 1965.

aberto, cujas páginas líamos e lemos com a ânsia sequiosa dos que querem aprender, na experiência e na cultura dos outros, as suas experiências e a própria ilustração do espírito.

A idéia pode ser lugar comum, porém em verdade fostes e sois luminoso farol alexandrino a indicar-nos a certeza do bom caminho e a segurança da boa chegada. Na carta geográfica da vossa vida graças a Deus veneranda e útil, esse foco terá o nome de Farol da Bondade. Ele é que até nós trouxe a vossa afeição compassiva e — estou a afirmar — levou até vós a nossa, calorosa e entusiasta.

E foi também esta atração magnética a força que nos fez admirar-vos na majestade da vossa obra cultural, o produto do vosso cérebro armado de tantos dons e privilégios.

Em vez de tornar-nos suspeitos para o julgamento, a nossa grande estima nos deu a distância indispensável para a justeza da crítica e a precisão dos conceitos. De perto, bem de perto, pudemos ver melhor, bem claro, ver integralmente a possança da vossa inteligência e o tamanho e conteúdo de vossa cultura intelectual.

Quem vos fala mais de trinta anos esteve ao pé de vosso convívio, na vizinhança da mesma rua, no Rotary da cidade, no Instituto do Ceará, na Academia Cearense de Letras, sentindo-se vosso discípulo, não sei se amado, mas discípulo muito amante. Discípulo que discernia e se esforçava por discernir, não somente para amar o Mestre e sim para compreendê-lo, pôr em cadinho depurador as lições recebidas e sobretudo auscultar, ter nas linhas todas a pujança e superioridade das doutrinações do Mestre admirado.

Deveis confirmar que em relação a vós fui um João-Pergunta, impertinente não sei, mas insistente na procura de esclarecer-se e muita vez esclarecer os outros. Pedia-vos de empréstimo, para mim e para quem me pedia e eu por mim não podia dar.

As lentes dos meus olhos curiosos viram-vos ao alcance curto e atentas nesse tempo longo e puderam conhecer qual o teor da vossa surpreendente capacidade intelectual e a vossa ainda mais surpreendente capacidade de realização, de trabalho porfiado e construtivo. Fizestes das vossas lucubrações o vosso mundo encantado e nele soubestes viver.

E se não bastara esse testemunho do discípulo, não faltariam para espelhar com nitidez cristalina estas vossas qualidades, as vossas produções escritas, em número que não se conta e excelência que se não discute. Volume e peso específico aí se equiparam admiravelmente.

Tem extensão de largos limites as vossas atividades nos estudos e perquirições científicas e sociológicas, todas do mais estremo cuidado e profundidade, obedientes aos mais certos e modernos critérios e métodos da pesquisa organizada. O vosso gabinete de trabalho tem sido incansável e eficaz laboratório

em que se prepara, com a mais autêntica autonomia espiritual, livre de quaisquer preconcebitos, a análise percuciente dos casos e fatos da Ciência Universal.

Nesse laboratório não há, nunca houve, alardes pregoeiros, nem se falsariam, intencional ou inadvertidamente, os processos adotados e os resultados exigidos pelas conclusões legítimas. Não há, nunca houve, exagero de entusiasmo capaz de perturbar a serenidade das procuras, nem as experimentações sofrem a danosa ingerência de precipitados errôneos e desnorteadores. O entusiasmo que aí impera é o da exatidão, da consciência do correto, e o trabalho experimental é o do cientista que se não deixa tomar pela simples imaginação e pelas aparências enganosas. Nada, naquela sala de retortas e balanças, se afirma pelo vão princípio de autoridade e pela intenção ou gosto de somente afirmar. O implacável das resultantes verdadeiras é que, qual se fora um culto, condiciona o labor científico que nele se pratica.

Os temas postos em exame se dissecam à luz da melhor técnica e dos talentos excepcionais do Mestre, com a paciência e a penetração do seu gênio inquiridor e da sua incomum potencialidade assimilativa, transformando matéria-prima em primores de arte e beleza reveladora.

Por tudo isso, Mestre Pompeu, fizestes-vos não um erudito, desses que tem no cérebro grande acervo de conhecimentos livrescos, filhos de leituras várias, e sim o sábio, o douto, o doutor, o prudente, o magister, o que domina a sabedoria no seu limpo significado léxico, ou seja, aquele que entrega o espírito à Ciência, observa, mede e conclui e acaba modelando em artefato seu, com a sua marca, sistematizado e lógico, as substâncias de que se serviu.

Sei que estou violentando a vossa modéstia, que toca a timidez, e até me rogastes fosse eu conciso e breve, porém maior que o impacto dessa violência, sem nenhuma dúvida, é o dever que me cabe, nesta hora de interpretação, de dizer as coisas sem a maciez diáfama da fantasia. De dizer as coisas na eloquência e vigor da sua expressão real e positiva, vistas nos raios-x da verdade.

Elogiar de corpo presente não é do bom tom. Todavia, não é o gabo da lisonja que ora se faz, o que seria gáudio para espíritos — não o vosso — embalados pelas vaidades e presunções. O que estamos fazendo é justiça aos vossos merecimentos, na declaração necessária e solene da vossa utilidade e eficiência como valente obreiro na preparação do palácio grandioso da Cultura Brasileira. E bem cabe aqui o conceito de Júlio Dantas: "Ainda há no mundo alguma coisa mais terrível do que um canhão quando dispara: é um sábio que raciocina". Terrível, aí, vale como potente, e o vosso raciocínio há sido uma potência de efeitos luminosos e irradiantes no céu azul da sabedoria nacional.

A vossa obra, efetivamente, representa contribuição magnífica a essa Cultura. Os vossos escritos, de ordem técnica e científica, enxertam-se em

revistas, jornais, relatórios, teses e livros que alentam a maioria das bibliotecas do País, desde meio século, numa continuidade edificante. A variedade dessa produção, abrangendo diferentes setores do conhecimento humano, e a proficiência com que é laborada, serão para as gerações estudiosas do futuro, como o são para nós, motivo de orgulho e da gratidão mais justificada e impenitente.

Perlustrastes muitos campos: — a Geografia, a Antropogeografia, a Antropologia, a Etnografia e a Lingüística indígena, a Economia, a Sociologia tiveram e têm nas vossas exposições o colaborador emérito, especialmente nas aplicações ao nosso Nordeste, cuja problemática sempre vos empolgou e nunca poderá deixar de recorrer às coordenadas que soubestes traçar. A projeção e o valor de vossas obras — desde o pequeno ensaio aos tratados austeros — ficarão, sobranceiros, a desafiar quaisquer restrições de críticos menos avisados ou do enfatuamento, muito encontradiço, de cientistazinhos de meio porte, que se comprazem em desfazer, sem nunca terem aprendido fazer.

Tiro de João Clímaco Bezerra estas palavras oportunas: "Pompeu Sobrinho é um homem que se colocou fora do tempo. Os relógios não marcam para ele. Pois são centenas, milhares de obras consultadas em quase todas as línguas vivas e clássicas de que se vale o sábio conterrâneo para as consultas do trabalho científico que está realizando".

Incontestável será a afirmativa de que os vossos estudos e os de Gilberto Freyre e os de Câmara Cascudo formam a garbosa trilogia das interpretações daquela problemática. São três frondes verdejantes e altivas dominando, inconfundíveis, a floresta xerófila, meio-caatinga, sem igual viço ou opulência emoldurante.

E a vossa bibliografia superabundante é a vossa consagração mesma, que esta festividade apenas pretende ratificar solenemente. O Instituto do Ceará e a Academia Cearense de Letras, pelo seu passado, pela lidimidade de suas tradições e pela interferência decisiva nas letras científicas e nas criações literárias do Ceará, possuem autoridade para proclamar essa ratificação, ao lado do Governo do Estado, que vos conferiu a honraria máxima da Medalha da Abolição, e da Universidade do Ceará, galardoando-vos com a Comenda insigne do Mérito Cultural.

É a vitória do moço, que, em 1903, saía da Escola de Minas de Ouro Preto para iniciar a luta da vida catando ouro numa mina pobre, e triunfou na cata da mina rica do Estudo e do Saber, até prefigurar o tipo humano de hoje, considerado, sem qualquer favor, culturalmente o maior dos cearenses vivos.

A vossa modéstia deve consentir que se alegre com isto o vosso coração. que nos nossos a alegria transborda, todos reunidos no idêntico desejo de ho-

menagear-vos como homem de bem, varão ilustre, como Mestre cheio de fé na religião esplendorosa da Ciência e de patriótico devotamento aos interesses da terra nativa.

Mestre Pompeu :

Sentimo-nos felizes com esta homenagem. Recebei as nossas palmas de aclamação, que o faremos todos de pé e calorosamente.